

HOMEM É AVE

Maurício Fontana Filho¹

ROR Instituto Universitario de Ciencias de la Salud - Fundación Héctor A. Barceló

✉ mauricio442008@hotmail.com



Mirava o vazio. Nada havia. Mas via. Via. Um amontoado de situações, o-sci-la-ções. Lá estavam, em cores do anil ao ébano. Um mundo de possibilidades, e Vontades. Terremoto de experiências, e Vivências. À vista, o vazio. Adentro, a orquestra. De enlaços. Pulsavam. Pul-sa-vam. Como um membro rígido ardente. Sangue fluindo e fazendo-se fluir. Fazendo-se tremer. Fazendo-se temer. Tormento. A-len-to.

O cenário era mais carne que a sua carne. Mais vida que a sua vida. Ele não lhe falava. Uivava. O mundo lá fora era pouco ideal, pouco amável, inviável. Diante de si, um colosso de vitalidade, uma estrada ao impreciso, ao indizível, ao invisível. Mas ele via. E a vivia.

As aves gritavam. CRACRA! CRACRA! Nem sei como sobrevivem aos aviões. Voam e voam. Julgando o seu entorno. Sua única preocupação é o bater de asas. Rumam ao nada. Desimportantes. O sol incendia-lhes os olhos. Incendia-lhes os ossos. E a alma. Ave não tem alma.

Homem é ave. Quando pode, voa. Homem é ave, já disse. Mero amontoado de desejo, intestino e insignificância. Despido de propósito. Valorado ao nível do solo. Prisioneiro em um limbo de improbabilidade. Passiva matéria bípede. Existe por conveniência. Porque inexistir seria demasiado esforço. Então vive. E sobrevive. Vai existindo. Não pelo gozo. Por teimosia.

Seu bater de asas é monótono. Mais um dia se alça aos céus. E declina. O sol determina seu vigor, seu teor. O cansaço esmaga-lhe os ombros. Descende em linha reta. Peso morto para si. Para a raça humana. Peso morto para a espécie. Nem o solo quer tocá-lo. Comprime-se ao impacto. Teme ser contaminado pela massa negra que é a humanidade. Doença pútrida. Amarga razão de ser.

- Aves malditas, saiam agora do meu telhado!

- CRACRA! CRACRA!

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 12, Nº. 24 (Jul-Dez/2024)

Informações sobre os autores:

1 Especialista em Ciências Sociais pela Universidade de Passo Fundo, UPF (2020). Bacharel em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI (2018). Graduando em Medicina pela Fundación Hector A. Barceló/ARG.



10.29281/rd.v12i24.17220

Fluxo de trabalho

Recebido: 29/11/2024

Aceito: 07/02/2025

Publicado: 08/02/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio



- Não quero, não. Fora! Ah, meu rim, meu rim...

Viver é essa amargura. Um rim cheio de pedrinhas querendo sair por finos canais internos. Querer sair elas querem, mas será que saem? Improvável. Serei o Sr. Pedrinhas por muitos anos ainda, isso se as pilhas do marca-passos no coração aguentarem. Só quero urinar em paz, quieto, sem aves nem paráfrases de Sartre por todo o lado. Não consigo me concentrar com tanto pássaro aí em cima. Se esfregam, voam e latem. O que diabos tem de tão bom nesse telhado? Só queria fazer xixi. Só xixi e mais nada, talvez um sorvete, não, não, só xixi mesmo.

É na dor que surge o refletir. As estradas por onde passei, os caminhos que encontrei e as aves com quem cruzei. Quando foi que a vi pela primeira vez? Ah sim, sim, parecia um anjo perdido, toda enrijecida sentada, pálida, desconfortável. Estava claro que o seu lugar não era aquele. Pensei, onde esteves por toda a minha vida? Parecia, misteriosa.

Hoje, dói-me mirá-la. O mistério já se foi.

Por que o seu sorriso se oprime?

Por que não me diriges palavra?

Se me detestas, por que persistes em aproximar-te em uma eterna dança desajeitada de articulações enfermas, carinhos ausentes e olhares descrentes?

Estás aqui, ainda assim sinto-te distante.

Por que suas coxas não mais ardem como outrora? Vossa virilidade, um inverno, fria, tão fria, mal posso tocá-la. Existe um oceano entre nós, mas não em vós. Quando há de estar seca estás molhada, e quando deves molhar, a aridez de mil desertos nos assola.

Todas as suas mínimas escolhas são erradas, a cada passo, um erro, a cada suspiro, o desespero, mesmo seus pensamentos sórdidos não possuem ares legítimos. Eu lhe invalido, diz-me, mas para invalidar-te, há de haver alguma coisa aí, qualquer coisa, um conteúdo existente, ao menos. Não há.

Uma criança abandonada em uma fazenda. Deixada para crescer à base da lástima humana. Vítima de escolhas feitas em seu nome. Tudo em si é treva, de suas vestes aos seus cabelos.

A ingenuidade lhe impera. É um suplício para todos. Não cuida de si, e como poderia? Quem dera as vaquinhas e os cavalinhos pudessem estar aqui. Sozinha esquece de respirar. Esquece de se alimentar. Esquece de se vestir. Em seis anos jamais aparaste vossas axilas. Florestas pantanosas já viveram dias melhores. A coleira deve apertá-la para que sobreviva. Puxando-a para cá e para lá, pondo-a em movimento. Um ser passivo, marionete dos enfermos, repuxo das circunstâncias, mera folha ao vento.

Seus seios pararam no tempo. Decidiram permanecer estanques. Detidos aos 12 anos. Jamais serão vivazes. Seios irregulares é vossa realidade. Uma realidade de vítima da doença dos seios precários. Como sua alma, também vazia, despida de vida e alegria. Seu sorriso mostra-se em momentos de exceção. Um escape sanguinolento e envergonhado. Incapaz de procriar. Incapaz de copular. Incapaz de inspirar qualquer virtude ou ato nobre

singular. Que tipo de criatura habitaria por nove meses vosso ventre, senão uma chaga para a humanidade portadora do prelúdio do fim dos tempos?

Ela sangra tanto, o tempo todo, por todos os lados. SHUAAAA! Seus ovários gritam rios de sangue. Amandas de sangue. Jorrando e jorrando por semanas. Menstruando em colinas e montanhas, telhados e cabanas. Um líquido espesso e pegajoso, ferro úmido, quente como o sol. Seu útero engloba planetas. Mas nega-se a englobar-me a mim.

Suas falas são forçadas, desanimadas, não tens o que dizer, e sabes disso. Mas falas demasiado, todo o tempo. Falas sem dizer. Ruídos que sopram um falido vento exausto e embriagado. Reage exageradamente a tudo. Nunca aprendeu como poderia portar-se. E nem que poderia ser o que lhe apraz. Nem desejos tem. Só conhece as vaquinhas e os cavalinhos. Gente mesmo é a primeira vez. Essas pessoas a assustam. Uma palavra depois da outra, então talvez um sorriso incerto, seguido de um “sim, sim, é isso”, passiva, sempre tão passiva, concordando com quase tudo, qualquer enunciado o mais pútrido, o mais sórdido, o mais miseravelmente insólito.

Angustia-me presenciar tal declínio de funções, e ambições. Mas para declinar, há de encontrar-se acima do nível do solo. E qual solo seria tão baixo? Nem os pântanos lodosos mais profundos do Tártaro aguentariam tamanha baixeza. Seus próprios pulmões gritam em angústia ante suas inclinações nicotínicas.

Uma vida inteira despida de mãe e pai a transformou em um receptáculo vazio, sem identidade ou conceito, nem características próprias ou preceito, nem vontade ou propósito, nem humanidade, um depósito, de articulações projetadas, imitadas, um reflexo das ínfimas relações entre vaquinhas e cavalinhos, presenciadas. Unhas pretas. Jamais cortadas. Longas, e afiadas. Onde estarão papai e mamãe para ensinar-te a decapitá-las? As dentadas de nada servem. Parece-me, entregue.

Habita superfícies à espera de contato humano a infectar como parasita, vivendo da energia alheia, sugando, se alimentando. Um monstro predador que usa de lágrimas marginais, seios incipientemente desenvolvidos e aridez genital a seu favor, não por amor, para atrair presas desesperadas pelo sexo oposto, presas que não buscam o coito, pois não o terão; presas que não buscam o afeto, pois impossível; presas totalmente ingênuas, totalmente desesperadas, despreparadas, desamparadas à procura de qualquer resposta acerca de estarem vivas e existirem realmente.

Homem é ave. Quando pode, voa. Quando não pode, destoa. Desmorona. Decepciona.

CRACRA. CRACRA.